

VOZ DA FÁTIMA

ÀVE, MARIA!

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos. Empresa Editora: «União Gráfica» R. Santa Marta, 158-Lisboa. Administrador: P. António dos Reis. Redacção e Administração: «Santuário da Fátima» — Sede em Leiria.

Crónica da Fátima

(13 DE FEVEREIRO)

Sem embargo de estarmos em pleno coração da quadra invernal, o dia 13 de Fevereiro último apresentou-se, em todo o vasto planalto da Fátima, sem vento, sem frio e sem chuva, tornando assim menos penoso para os peregrinos o acesso à Cova da Iria e mais agradável a sua aliás curia permanência nesse local abençoado, durante os actos religiosos que ali se realizaram.

Como no dia 13 do mês passado, celebrou a missa dos doentes o rev. José Galamba de Oliveira, professor de sciencias ecclesiasticas no Seminário Episcopal de Leiria. Em harmonia com a solenidade liturgica do dia, rezou-se a missa das Cinco Chagas, que foi acompanhada a *Harmonium* e cânticos.

De manhã cedo, por volta das 7 horas, começou a movimentar-se o vasto auditório das aparições com a chegada dos primeiros devotos, provenientes de diversos pontos do país, e do grupo de sacerdotes de Leiria que, como de costume, generosamente se prestaram ao sacrificio de ouvir de confissão as pessoas que, em grande numero, acorrem, em cada dia 13, ao Santuário da Lourdes Portuguesa, para purificarem as suas almas no banho salutar do Sacramento da Penitencia.

Ao evangelho, o celebrante subiu ao púlpito e falou, durante cerca de meia hora sobre a devoção tão portuguesa, tão genuinamente nacional, das Cinco Chagas. Frisou que a meditação das Cinco Chagas do Redentor era uma fonte de espirito de sacrificio e de coragem e resignação cristã no meio das lutas e contradições da vida. Recomendou com insistência a todos os fiéis que collocassem a sagrada Imagem de Jesus Crucificado em lugar de honra nas suas casas e, sendo possível, na sala principal, que a pendurasse a cabeceira da cama, que a trouxessem ao pescoço ou ao peito, mesmo ostensivamente, o que seria melhor, e, sobretudo, que a gravassem profundamente na alma e no coração.

Um dos sacerdotes que, apesar de não estar ainda familiarizado com a nossa lingua, ajudou a confessar os penitentes foi o rev. D. José Montes Rei, da diocese de Tuy, Espanha, actualmente residente em Leiria, que ficou muito impressionado e edificado com as manifestações de piedade de que teve a satisfação de, pela primeira vez, ser testemunha ocular e, sobretudo, com a fé que lhe achou viva e profunda, do bom povo português, especialmente dos nossos homens.

Depois da missa, foi dada a bênção com o Santissimo Sacramento a cada um dos doentes, que eram em pequeno numero, e, por fim, a bênção geral a todo o povo.

Visconde de Montelo

A lâmpada...

— Que fazes tu aí pasmado, a olhar para essa lâmpada eléctrica?

— Deixa-me que estou a fazer a minha meditação!

— Meditação? O que me parece que estás a fazer é exercicio para te habilitares a entrar numa casa de doidos! Há um quarto de hora, que te estou observando a acender e a apagar a lâmpada!

— Senta-te e verás que te enganais!

— Cá estou sentado! Vamos lá a ver em que meditas.

— Olha, vês? Dou aqui meia volta e...

— E não vejo nada! Ficou tudo às escuras!

— Pois agora vai além à mesa e traz-me os fósforos!

— Eu bem te digo que tu estás maluco! Então hei-de ir às escuras buscar os fósforos, arriscando-me a dar alguma cadelada numa cadeira? Acende a luz!

— Então cá vai... meia volta e... tudo é claridade outra vez! Esta meia volta não te faz pensar em nada?

— Faz. Já t'o disse! Faz-me pensar que, se não estás maluco, para lá caminhas!

— Parece-te! O maluco é tu, que não sabes tirar das coisas mais simples motivo para pensar nas mais complicadas. Eu estou aqui há um quarto de hora com effeito, a pensar nesta maravilha da luz eléctrica: meia volta, tudo às escuras; meia volta, tudo claridade... A luz, quando apago, não está aqui de facto; mas está aquilo que me pode dar: é só dar meia volta e pôr aquêle fiozinho que mal se vê no centro da lâmpada em comunicação com a corrente, que vem de longe e se ramifica por toda a cidade, e pronto! A luz clara em todo o quarto, que me livra das candeladas de que tu tens medo.

— Ó homem, isso é verdade! Mas eu não vejo o que é que isso tem que ver com coisas complicadas e sérias!

— Vais ver. A corrente eléctrica, a energia fabricada longe e que circula pelos fios em toda a cidade, faz-me lembrar a energia divina que também

Cinco minutos ao cavaco

Quanto vale um homem?

— Psiu! O compadre Pantaleão? Guarde lá o dinheiro e fale para a gente!

— Parece que vai amarrado ao jornal, homem! É a guerra da Etiópia ou algum terremoto na Cochinchina?

— Desculpe, que nem o via, compadre Vitorino. Ia aqui a ler uma coisa, que me pôs de cara a banda!

— De cara à banda? É dor de dentes?

— Nada disso. Ora veja: diz cá a folha quanto vale um homem, em moeda corrente.

— Ora essa! Então há por aí agora alguma feira humana, de comprar e vender gente, a tanto por cabeça, como os bois ou as vacas?

— É o que lhe eu digo. Ora faça o favor de ler:

«O corpo humano é formado de diversos elementos. As gorduras dariam para sete sabonetes; o ferro, para um prego de soalho; o açúcar, para meia dúzia de bolos; a cal, para calar um galinheiro; o fósforo, para 2.200 cábeças de fósforos; o enxofre material para tirar as pulgás a um cão e o potássio para disparar

um tiro de canhão infantil. Total: 36 escudos. E quanto vale um homem, na opinião dum sábio.

— Oh! co'a breca! Menos que qualquer animal, salvo seja!

— É verdade, compadre Vitorino. Ainda no outro dia, na feira dos 20, dei noventa escudos por um báculo de leite, e não é nenhuma prenda. Com franqueza, compadre: nunca imaginei que um homem tivesse tão pouco valor.

— É para o compadre ver o que nós somos e como tem razão a Igreja para chamar na 4.ª feira de Cinzas: *Lembra-te, homem, que és pó e em pó te há-de tornar.*

— Não que por essa também eu estou. Nós somos exactamente como os animais, sem tirar nem pôr, compadre Vitorino.

— Isso agora, vá mais devagar, compadre Pantaleão! Somos como os animais, quanto ao corpo; mas temos uma coisa que os animais não têm, uma coisa que nós eleva acima da natureza inteira e quasi nos aproxima dos anjos: é a alma, uma alma espiritual e imortal.

— Mas então em que ficamos, compadre: o homem é um animal ou não é?

— É um animal racional, quer dizer, que tem raciocinio, intelligencia, talento. Os outros são irracionais, porque não têm raciocinio. Ora o raciocinio, o talento, a intelligencia, é da alma e não do corpo.

Por isso, olhando ao corpo, nós pouco valemos; mas olhando à alma, não há dinheiro que a pague. Valemos mais que a terra inteira, mais que todos os tesouros e jóias, valemos tanto como o Sangue de Jesus Cristo, ia a dizer, valemos tanto como Deus, em certo sentido.

— Tanto como Deus? O compadre Vitorino está a dizer heresias.

— Heresias, não, compadre Pantaleão. Eu explico: Deus é um Espirito, a nossa alma também é um espirito, criada à imagem e semelhança de Deus. Deus é eterno, isto é, não teve principio nem há-de ter fim; a nossa alma teve principio, sim, mas não há-de ter fim, porque há-de existir sempre, ou no Céu ou no Inferno. Mais. Nosso Se-

nhor Jesus Cristo porque veio ao mundo? Não foi por causa das almas, para as remir do peccado e salvar da condenação? Foi; portanto a nossa alma, por assim dizer, vale tanto como o sangue de Jesus Redentor. Por causa das riquezas deste mundo, não vinha Ele do Céu à Terra; portanto a nossa alma vale mais do que os mais ricos tesouros do mundo.

— Palavra de honra, compadre! Nunca tinha pensado em como é assim tão grande o valor duma alma! A gente vive para aqui, como os bichos no buraco, a pensar só na trincoadeira e é raro lembrar-se de que tem uma alma a salvar...

— Pois é pena, compadre. Se a nossa alma vale infinitamente mais do que o corpo, é bem louco quem passa a vida pensando só nas necessidades do corpo e desprezando os interesses da alma.

— Mas deixe estar, compadre Vitorino, que daqui em diante nunca mais calo em dizer que um homem não passa dum animal como os outros. Sempre é um homem e um homem é um bicho!

— Pois que dúvida, compadre Pantaleão? Quem afirma que uma pessoa não tem mais nada do que um animal qualquer, me recia que se lhe dissesse assim: *Vem cá, bicho, vem cá! Fátima! Fátima!*

ANGELO

VOZ DA FÁTIMA

A «Voz da Fátima» é a publicação de maior tiragem de Portugal.

Em Janeiro de 1936 tirou 326.795 e em Fevereiro tirou 334.002 exemplares assim distribuídos:

| | Jan. | Fev. |
|-----------------|---------|---------|
| Algarve ... | 5.033 | 5.270 |
| Angra... .. | 17.910 | 17.925 |
| Beja | 4.288 | 4.400 |
| Braga... .. | 72.177 | 73.487 |
| Bragança... .. | 9.882 | 10.754 |
| C Coimbra ... | 16.381 | 16.632 |
| Évora... .. | 4.150 | 4.150 |
| Funchal ... | 20.204 | 20.012 |
| Guarda... .. | 30.817 | 30.916 |
| Lamego... .. | 8.705 | 9.330 |
| Leiria... .. | 13.645 | 14.347 |
| Lisboa... .. | 8.840 | 9.319 |
| Portalegre.. | 8.381 | 8.788 |
| Pôrto... .. | 47.161 | 48.254 |
| Vila Real... .. | 32.929 | 33.232 |
| Viscu... .. | 10.484 | 10.601 |
| | 310.987 | 317.417 |
| Estranjero.. | 3.688 | 3.588 |
| Diversos ... | 12.120 | 12.997 |
| Total ... | 326.795 | 334.002 |



Grupo de dirigentes da Juventude Agrária Católica (J. A. C.) e Juventude Operária Católica (J. O. C.) da Arquidiocese de Braga, no fim de um retiro, encerrado por Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo Primaz que tanto tem trabalhado pela organização da Acção Católica e pela difusão dos Cruzados da Fátima que já ali sobem a mais de 221.000.

COISAS QUE EU PENSO

No passado mês de fevereiro deu-se em Portugal um facto que fez pensar.

Foi a reforma do Ministério da instrução, que passou a chamar-se Ministério da Educação Nacional. Essa reforma foi aprovada pela Assembleia Nacional, e por ela ficou ordenado, em todas as escolas officiaes de ensino elemental em Portugal, por cima da cadeira do professor, esteja pendente da parede um Crucifixo.

Isto faz pensar. Pois pensemos todos. Eu, por mim, vou dizer o que penso ás 330.000 pessoas que recebem este jornal, mais aquelas a quem o dão a ler — no que fazem muitissimo bem.

Eu penso, em primeiro lugar, que se todos os nossos antepassados, que fizeram grande Portugal, na conquista do territorio da pátria e nas navegações por todos os mares, pudessem agora juntar as suas cinzas, ressurgir e falar, seriam os primeiros a dizer: *muito bem!*

E penso também, que não sei o que lhes diriam aquêles portugueses de hoje, que tinham dito: *muito mal!*

Porque os nossos antepassados não deixariam de chamar que o Portugal do seu tempo, o Portugal que eles criaram e estenderam por todas as partes do mundo, foi um Portugal glorioso, e que essa gloria, lhe veio unicamente de lhes terem sabido fundir num só dois grandes amores, — o amor de Deus e o amor da Pátria, — e que foi com essa Cruz, mais que no peito, nas armas e nas velas dos galéses — nas almas! — que eles puderam levar a cabo feitos que assombraram o mundo.

E se os homens de hoje lhes dissessem que nesse tempo o Crucifixo não offendia ninguém,

porque a religião cristã era a de todos os portugueses e que hoje há portugueses que não são cristãos e para os quais o Crucifixo na escola é uma violação ao seu livre pensar — eu penso que alguns dos nossos antepassados pediria licença pra perguntar: em que consiste essa violação? e porque se não sentem offendidos com, outras violências bem piores que a simples exposição de um Crucifixo pendente duma parede?

E discorreria assim:

Os mandamentos da lei de Deus, que a doutrina da Igreja Católica ensina, e que o Crucifixo na escola lembra, mas não impõe, são dez: e desses dez três referem-se à honra de Deus e os outros sete ao proveito do próximo. Ora se na escola se não quer educar as crianças para pensar na honra de Deus, poderiam admitir que se não pensem em as educar para pensarem no proveito do próximo?

Que filho ou que pais se podem offender porque um simbolo religioso lhes recorde que é um dever honrar pai e mãe, não matar, ser casto, não furtar, não levantar falsos testemunhos, não desejar a mulher do próximo e não cubgar as coisas alheias? O motivo desses deveres, é uma coisa; sobre esse motivo pôde haver discordancia, mas esses deveres são outra coisa, e sobre eles não... — ia a dizer não pôde haver discordancia, mas é mais exacto dizer que não deve haver discordancia, porque de admiti-los ou não os admitir depende a paz da vida social, depende o continuarmos a ser um povo civilizado; ou o pormo-nos fora da civilização.

Ou diremos que é uma violação ao livre pensar dos assassinos, que o juiz no tribunal os puna porque discordaram de de-

ver de respeitar a vida do próximo? Diremos que é uma violação ao livre pensar dos devesos ou serem castigados porque discordaram do dever de não praticar atentados contra o pudor? Diremos que é uma violação ao livre pensar dos gatunos, que os metam na cadeia porque discordaram do dever de respeitar a propriedade alheia? E iremos dizendo o mesmo de todas as discordancias possiveis sobre os outros deveres, relativos ao proveito do próximo, que estão incluídos nos dez mandamentos da lei de Deus?

Mas dirão os offendidos com o Crucifixo nas escolas: a violação está não em o Crucifixo lhes recordar os deveres, mas em lhes indicar os tais motivos, ou melhor, o motivo unico: o amor de Deus, fundamento, para os crentes, da moral que aproveita ao próximo.

Mas aqui entra a outra consideração: porque se não sentem offendidos com outras violências bem piores que a exposição dum Crucifixo pendente duma parede? Os motivos, o Crucifixo só não os impõe: lembra-os, aos que creem, para que por eles se movam, e aos não crentes, para que admirem as obras dos que por eles se norteiam.

Não é pior violência, por exemplo, dizer a um manco, que deve deixar tudo para ir servir a pátria na vida militar, quando ele discorda da existência da força armada, e até da pátria, dizendo: «Internacionalista e recebendo ordens... da Rússia? Deve ir porque deve servir a pátria! Mas ele, precisamente, discorda desse motivo Obrigam a pagar contribuições, porque deve contribuir para o bem comum. Mas não é uma violação impor-lhe esse motivo, se ele discorda da obrigação de servir o proximo?

A simples exposição dum Crucifixo na escola não impõe nenhuma violência, porque não impõe os motivos da conduta moral dos crentes: aponta o exemplar de todas as virtudes, que através dos séculos tem formado os maiores beneficeiros da humanidade. E vejam que singulares coincidências se dão ás vezes! Precisamente nos dias em que apparece em Portugal essa proposta de lei e se discutiu e aprovou, viu-se o seguinte: o governo de uma grande republica, os Estados Unidos, mandou um navio de guerra buscar a uma ilha perdida na imensidade do Oceano Pacifico os ossos de um padre, para os trazer, ao canal de Panamá; e ali, outro navio de Estado recebeu esse precioso fardo, para o trazer para a Europa, para a sua terra natal, a Bélgica. E que tinha feito esse padre para merecer essas honras de dois governos, um dos quais não católico e outro misto de católicos e não católicos?

Uma coisa muito simples... deu a vida pelo próximo! A lepra é a mais horrivel das doenças que affligem a humanidade. É doença que nos faz apodrecer em vida, caldo o corpo aos pedeccos. E nessa ilha, Molokai, tinham sido concentrados cerca de mil leprosos, com prohibico de nunca mais saírem de lá, e lá viviam abandonados, com a sua horrivel miséria corporal agravada pela miséria moral do abandono. E esse padre, o Padre Damião Devuster, quis ir para lá, estar com eles, consolá-los, viver com eles, dar-lhes vida moral, conforto, até alegria, e lá contraiu o mal e dele morreu em 1889, dando graças a Deus, como lhes disse quando se sentiu contagiado do horrendo mal, por o ter, como a eles, cravado na mesma cruz.

Monsenhor dr. Ludwig Fisher

Com informação favorável de Sua Eminência o Senhor Cardinal Faulhaber, arcebispo metropolitano de Munich (Baviera, Alemanha) e de Sua Ex.ª Rev.ª Mgr. de Hauck, arcebispo de Bamberg, o Santo Padre, por decreto de 18 de abril de 1935, (Acta Apostolicae Sedis de 31 de outubro) houve por bem conferir as honras de Monsenhor ao Rev.º dr. Ludwig Fisher, o dedicado apóstolo de Nossa Senhora da Fátima.

O Senhor Bispo de Leiria pediu ao Sumo Pontifice esta dignidade para o sr. dr. Fisher que bem merece dos portugueses e dos devotos de Nossa Senhora da Fátima.

É o autor de diferentes publicações sobre Nossa Senhora da Fátima, algumas das quais traduzidas em português, dirige o mensário «Bote von Fátima» (Mensageiro da Fátima) que se publica na Suíça, tem feito na Alemanha, na Suíça, Austria, Polónia, Checoslováquia, inúmeras conferencias sobre a devoção a Nossa Senhora da Fátima.

E professor da Universidade de Bamberg. Os seus alunos, congratulando-se com a dignidade que o Santo Padre lhe concedeu, promoveram uma festa na propria Universidade, no mês de fevereiro passado.

Dentro de os que mais entusiasticamente vitoriam Monsenhor Fisher, destacavam-se os 3 alunos, que, no ano passado, vieram a pé da Alemanha até à Fátima, atravessando a Suíça, o norte da Itália, o sul da França, a Espanha e finalmente Portugal.

A Voz da Fátima interpretando os sentimentos dos seus leitores, dos devotos de Nossa Senhora e dos bons portugueses apresentam ao novo Monsenhor os seus parabéns sinceros e calorosos.

Ad multos annos!

Porque fez esse acto heroico durante quinze anos? Porque aprendeu a amar a Deus sobre todas as coisas e ao proximo como a si mesmo, e mais que a si mesmo!

Vamos, senhores offendidos com um Crucifixo pendente da parede duma escola, apontem-nos um exemplo assim de amor do proximo, aprendizado só nos livros, ou na exposição de algum outro simbolo de motivos que levem a tal heroismo!

O Crucifixo na escola, só por si, não impõe nenhuma violência, porque não impõe nenhuma creença: recorda a que nos fez um grande povo e faz por todo o mundo herois como o Padre Damião, como tantos outros, homens e mulheres, que deixam tudo, para irem dar a vida nã missões, civilizando selvagens, tratando leprosos. O que falta é o que se faz nas outras nações civilizadas: é que não haja na escola só o Crucifixo à vista de todos — mas que haja o ensino da religião cristã para aquêles cujos pais assim o queiram. Mas a esse respeito direi noutra occasião o que eu penso.

B. A. Langa

A primeira Missa do meu filho O culto de Nossa Senhora da Fátima

—Então Ana não se decide? Já lhe disse que lhe damos quanto quiser. O médico insiste que era um perigo para a vida do Luizinho mudar agora de uma ou passar a ser amamentado a biberão. Em consciência a sua obrigação é vir conosco. —Ferdão, Sr. Doutor, a minha obrigação é ficar com o meu marido e os meus filhos... —Sempre julguei que vocemecê tivesse alguma amizade ao Luizinho atalhou meio agastado o pai... —E tenho! O meu rico menino! Mas também tenho amizade aos meus e ao meu homem... As garotas ainda são todas muito novas para ficarem sozinhas e o meu filho também precisa do leite da sua mãe! Mas... talvez houvesse maneira de tudo remediar... —Diga depressa, mulher, bem sabe que se for uma questão de dinheiro... —Não se trata disso, Sr. Doutor, mas se me quizesse deixar entregue o Luizinho eu cá olhava por ele, como se fosse um dos meus. A criança ainda está muito frágil; estes ares daqui faziam-lhe bem... —Passava-se esta conversa, no escritório dum bela casa de campo, entre o dono da quinta, um jovem advogado casado havia pouco tempo, e a mulher do hortelão, a sr. Ana, forte matrona, sábia e desembaraçada, mãe de sete filhos. —Tinha pouco mais de quinze dias que nascera o último, quando uma noite de tempestade a sr. Ana, em que os caminhos e as estradas estavam transformadas em torrentes, houve um grande alvoroço na casa dos pais... A senhora foi surpreendida por uma maternidade precoce... Os unidos perdiam a cabeça; o marido afilto não sabia se havia de ficar junto de sua mulher, se tentar ir à vila mais próxima buscar os socorros necessários... Valeu-lhe a mulher do hortelão. Até a roupinha do filho teve que ir buscar para vestir à criança rica que, por uma ironia do destino nascia desprovida de tudo, enquanto na cidade a esperavam rendas e roupas delicadas. De frágil constituição, a jovem mãe sofreu um grande abalo e teve logo de pôr de parte a ideia de criar o filho. Espírito bastante frívolo e mundano, pouco se affligiu com isso. Ninguém dava nada pela vida da criança, mas salvou-a o desvelo e carinho da sr. Ana e sobretudo a resolução que esta logo tomou de a amamentar. Mas, quando os pais quiseram regressar à cidade e levá-la com eles, como vimos, a boa mulher não se pôde conformar com semelhante decisão. Que fazer? perguntava a si próprio o advogado. Custava-lhe a separar-se do filho, mas a sr. Ana era pessoa de toda a confiança; católica praticante, muito assada e mais culta do que o vulgar das mulheres do campo... O Luizinho não podia ficar mais bem entregue... Restava obter o consentimento da mãe... Ao princípio fez certas dificuldades, mas no fundo satisfestissima de se ver livre de cuidados e poder continuar a sua vida mundana, bem depressa deu o seu consentimento... O Luizinho ficou pois na quinta e foi crescendo e desenvolvendo-se a olhos vistos. No verão seguinte os pais encontraram a criança entezada que tinham deixado entregue aos cuidados da sr. Ana, transformada num garoto forte e saudável, que já corria as casas todas e começava a articular algumas palavras. Tinha chegado o momento de voltar para casa. Quando os pais regressaram à cidade, a sr. Ana entregou o seu menino à mãe e meteu-se precipitadamente para dentro de casa, para chorar à vontade abraçada ao filho mais novo, que reclamava o Luizinho em altos gritos. Este assim que percebeu que a mãe não ia com ele desatou num choro convulso... A mãe acabou por lhe dar dois forreiros de leite. Assustada a criança soluçou baixinho ainda durante algum tempo e acabou por adormecer, mas dum sono agitado e irrequieto. Quando chegou a Lisboa foi cheio de febre... Alguns dias depois o pai via-se obrigado a escrever à sr. Ana que fosse buscar o filho, porque o médico não se responsabilizava por ele, se não o mandassem imediatamente outra vez para a quinta. A experiência que não mau resultado deu não se renovou até o Luizinho chegar à idade de começar a aprender a ler. Prêso ao peçoço da sr. Ana, numa crise medonha de choro despediu-se dela e partiu... Cinco dias depois, o pai escreveu de novo à boa mulher que fosse buscar o filho... Planta silvestre, criada no vanto do campo, a criança, que era tão alegre, não se podia conformar com a mudança brusca de vida, faltavam-lhe os carinhos da mãe, e a amizade dos filhos desta, andava triste e acanhado e de novo adoceira... Voltou pois para a quinta e com o irmão de leite começaram a frequentar a escola da terra e a catequese. A noite, os dois encostados à sr. Ana repetiam as lições que tinham estudado e as graças que os mandavam aprender, e juntos rezavam antes de se deitar.

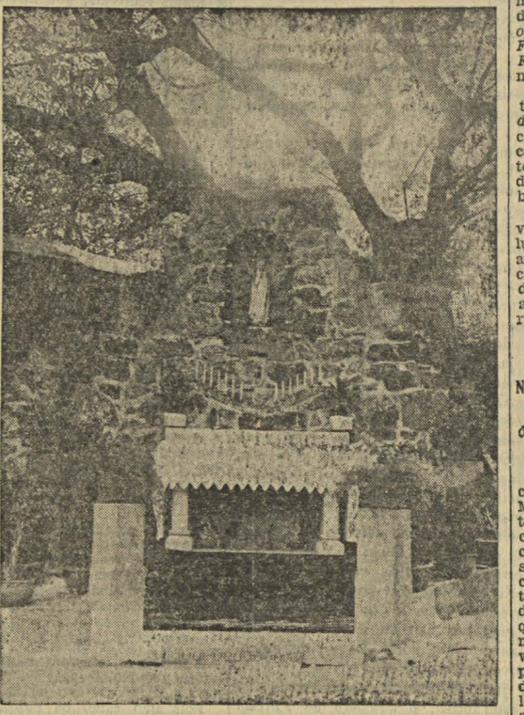
Quando nesse ano os pais do Luizinho vieram, como de costume, no verão, passar umas semanas à quinta, tiveram o prazer de verificar que o filho já sabia ler umas histórias fáceis e fazia uma cópia sem erros. Ao pai que lhe quis fazer passar um pequeno exame e que lhe pergunta a respeito de desenhosamente que isso era fácil demais, que perguntas se o nove. A par disto já montava a cavallo e nadava no ribeiro que passa ao fundo da quinta, o sr. Prior já tinha marcado o dia para ele fazer a Comunhão particular e à mesa tinha um porte irrepreensível. O pai teve uma demorada conversa com a sr. Ana e outra com a professora do filho, uma rapariga nova, muito piedosa e decidida que o pequeno ficaria na quinta até fazer o exame de instrução primária. —Não sei como lhe poderemos pagar o que tem feito pelo Luís, Ana, mas olhe lá não me faça o garoto nenhum beato que eu não o quero para padre, concluiu despedindo afavelmente a mulher do hortelão. Já sabe mais catecismo do que eu nunca aprendi em toda a minha vida!... E os anos foram passando... O Luizinho e o seu inseparável amigo o Chico, têm agora onze anos, passaram com distinção o exame de instrução primária e vão fazer a sua profissão de fé. Os pais do Luizinho, que vêm assistir, estão a chegar... Sentada num banco de pedra, à entrada da casa, a sr. Ana conversa gravemente com os seus «dois filhos». —Então, Mãezinha, vocemecê deixa? e o pai também? murmura o Chiquinho. —Sim, meu filho, vai com a bênção da tua mãe e se um bom padre. Eu falo ao teu pai e convengo... —E tu ama? Se os meus pais não deixam? —É preciso rezar muito para que Deus N. Senhor lhes toque o coração. Há lá maior honra do que dar um filho a Deus! No dia seguinte, depois de regressarem da igreja, o Luizinho, trémulo de comocão, ainda com o laço branco da profissão de fé no braço formulou o seu pedido... Com grande espanto seu e da sr. Ana, não foi repellido. —Pois sim, meu filho, mas como de qualquer maneira agora tens de sair da quinta e quasi não tens estado nunca com os teus pais, vens conosco até Outubro e quando abrir o semáforo lá te encontras com o Chico. O Luizinho calou nos braços do pai a agradecer-lhe e dois dias depois partiu a passar uns meses na praia. A sr. Ana viu-o partir e o seu coração todo se confrangeu... Dir-se-ia que tinha ouvido a conversa dos dois esposos, nessa noite da Comunhão Solene do pequeno, a qual terminou com esta frase: —É mais do que tempo de o levar daqui para fora! E como infelizmente fazem tantos outros, aqueles pais começaram junto da alma inocente do filho a obra diabólica da destruição da sua vocação. Ao princípio a criança quis reagir, mas fascinada pelos prazeres e o luxo que o rodeava, deixou-se ir na corrente. Ali não estava fechado em casa como em Lisboa, habituado aos exercícios físicos, ganhou vários prémios esportivos e assim se impôs à consideração dos companheiros de jogos que encontrou. Quando chegou a época das matriculas, aceitou sem dificuldade frequentar o liceu e no fim do curso se quizesse então ir para o seminário... Bem entendido, a carta da sr. Ana a falar da partida do Chico e da honra tão grande de ser padre, nunca lhe deu... E o tempo foi passando... Na quinta a sr. Ana reza todos os dias pelos seus dois filhos... Mas enquanto um se prepara piedosa e santamente para o sacerdotio, o outro vai conhecendo os maus prazeres da cidade... Baras vezes a mãe agora o vê, mas um domingo em que os pais estavam na quinta e o Luiz não apareceu à missa, zangou-se a valer e à saída foi direitinha a casa dele. A entrada encontrou-se com a mãe: —O que a traz por cá, Ana? indaga esta depois de corresponder ao seu cumprimento. —Venho saber porque é que o Luiz não foi hoje à missa. —Então, ama, coisas de rapazes; ontem detou-se tarde... Não vá lá ao quarto que ele ainda está a dormir! A sr. Ana voltou para casa e a soluçar caiu de joelhos aos pés do seu crucifixo. Bem me dizia o meu homem que não me atrevesse tanto ao garoto! repetia. Que pais estes!... Coisas de rapazes!... Aquilo é que eles acham bem! O meu rico menino que só sonhava com o meu Chico, com o sacerdotio!... Faltam apenas alguns dias para o Chico ser ordenado presbítero. Em casa do hortelão há grandes preparativos para receber festivamente o novo sacerdote. Uma tarde a sr. Ana recebe um telegrama de Lisboa: Luis gravemente doente, peço venha imediatamente e logo se prepara para partir. Deixa lá o ingrato do Luiz, mulher, protestou o marido. Então não há-de assistir à ordenação e Primeira Missa do nosso Chico? O pequeno tem um desgosto enorme com isso, com certeza! —Se puder venho, mas tu vai a Leiria e diz ao Chico que a mãe não está com ele nesse dia, porque sabe lá se sequer ao menos se lembrará de chamar o padre à cabeceira do irmão se ele estiver em perigo! Diz-lhe que peço que diga a sua Primeira Missa pelo Luis e que depois

do jantar de festa vá ter comigo a Lisboa. Já vai padre; talvez precise dele, e não quero deixar de lhe dar a minha bênção nesse dia! A sr. Ana encontrou o Luis com uma dupla bronco-pneumonia. Uma discussão entre os pais elucidou-a sobre as causas da doença. Grande cela terminada com um peçoço à praia do Guincho, a meio do caminho uma pame no carro... grande parte da noite passada ao relento... Era naquilo que dera o seu menino, aquele que devia estar a estas horas a terminar com o Chico o retiro preparatório da vida de sacerdote. Mas, estava certa!... Que podia dar uma vocação desorientada, falhada, senão uma vida inquietada, desorientada e sem rumo! E enquanto os dois esposos se acusavam mutuamente de traquesa, a sr. Ana rezava... Finalmente o doente começou a sentir algumas melhoras. —A quantos estamos do mês? perguntou o pai, depois de reconduzir o médico, a deitar contas aos dias de angústia que acabavam de passar. —Vinte e cinco de Março, respondeu a sr. Ana. —Mas... não é hoje que o Chico devia dizer a sua Primeira Missa? —É sim, sr. Doutor, e ontem recebeu as últimas ordens. —E vocemecê não disse nada, não foi assistir? exclamou a mãe do Luis. Tenho andado com a cabeça tão em água que nem disso me lembrei, mas também a Ana podia ter dito alguma coisa! —Mas eu é que não saia daqui, minha senhora! retorquiu firmemente a sr. Ana. Tenho um filho que disse hoje a sua Primeira Missa e não assisti a ela, porque tinha aqui outro que devia também hoje ter cantado missa e é um desgraçado, porque lhe estragaram e perderam a vocação. Quem matou na alma da criança inocente o ideal do sacerdotio, também era capaz de o deixar morrer sem sacramento. O meu Chico disse a sua Primeira Missa pelo meu Luis, junto com o pai, os irmãos e os amigos e a estas horas já vem a caminho de Lisboa para ainda hoje vir receber a bênção da sua mãe e reconciliar o Luis com Deus!... Um silêncio profundo acolheu esta declaração. A Mãe desatou a chorar e abalou do quarto. O pai deu uns passos agitadíssimos e também saiu sem dizer palavra, deixando o doente só com a sr. Ana. —Ana, murmurou este, assim que o Chico chegou, diz-lhe que venha cá acima e deixem-me só com ele... Alguns anos depois o povo da aldeia e redondezas da freguesia da sr. Ana, comprime-se em festa, a assistir a uma Missa Nova, na igreja pequena demais para os conter a todos. O Chico radeante serve de mestre de cerimónias ao Luis, que tão comovido está que a custo consegue entoar as orações da Missa. Na primeira fila da assistência os pais confundem as suas orações e as suas lágrimas com as da sr. Ana que baixinho, muito baixinho, murmura uma acção de graças. —Eu bem sabia que havia de assistir à Primeira Missa dum dos meus filhos! Maria da Fátima

No Porto Na rua das Valas, da cidade do Porto, foi inaugurada uma Capela debaixo da invocação de Nossa Senhora da Fátima. A imagem foi benziada na Fátima pelo sr. Bispo de Leiria e tocada na do Santuário. Celebrou a primeira Missa o sr. Bispo do Porto fazendo uma bela allocução de regozijo por a diocese do Porto ter mais uma igreja dedicada a Nossa Senhora. Obras de caridade O Rev. Cônego Abade da Sé do Porto, dr. João Francisco dos Santos, transformou o antigo edificio —Recolhimento do Fer-

balhos apostólicos, estiveram na Fátima, onde celebraram a Santa Missa pedindo a protecção de Nossa Senhora. Efectivamente a Missão, começada com muitas dificuldades, como é próprio das obras de Deus, em breve se desenvolveu numa forma consoladora a ponto de ter fundado já outros centros missionários e andar a construir na cidade de Luso uma bela igreja de 3 naves dedicada a Nossa Senhora da Fátima. No dia 11 de Fevereiro embarcaram mais dois missionários os Revs. D. Manuel Xavier Correia e D. Manuel Frutuoso Matos de Oliveira que, a exemplo dos seus companheiros, foram com o

Brasil, debaixo da protecção de Nossa Senhora da Fátima, chamada «Asilo de Nossa Senhora da Fátima». Na India Inglesa Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo de Bombaim (Bombay), na India Inglesa, porto de mar, numa ilha do Golfo d'Oman, cidade de 1 milhão de habitantes) comunica-nos que anda a edificar uma igreja cuja padroeira vai ser Nossa Senhora da Fátima. Deve ser a primeira da India. Na Inglaterra The Universe, o maior jornal católico da Inglaterra, no número de 24 de Janeiro subornado ao titulo — The Shrine of Fatima — (O Santuário da Fátima) transcreveu da Voz da Fátima o movimento religioso no ano de 1935. Refere-se em seguida à extraordinária expansão da Voz da Fátima tanto em Portugal como no estrangeiro e termina com estas palavras: «Claramente se vê que este Santuário irradiava por toda a parte o maior bem espiritual». O artigo em forma de carta, vem assinado pelo Rev. P.ª Zulueta, S. J. da Manhosa House, autor do precioso livrinho que conta já duas edições intituladas: Our Lady of Fatima a cujo aparecimento já aqui nos referimos. NA CHINA No meio dos bolchevistas Fátima schin mu, wei ngo den Kil! Nossa Senhora da Fátima, rogal por nós! A torrente aniquiladora dos comunistas já cair sobre a nossa Missão. Duro cativo era a sorte dos soldados de Deus. Um companheiro fiel ao fugir, encontrou a morte à mão de assassinos. Entrou no Reino do Céu com a palma do martírio. As tropas do Governo conseguiram depois de longa luta por um dia que a invasão bolchevista. Começou uma nova actividade, novas orações e sacrificios. Mas o pior é que tínhamos que viver durante muito tempo no exílio, longe da nossa tão amada Missão. Quando depois, neste asilo, nos aduei a casa de habitação até aos muros exteriores, e o pouco que ainda chamávamos nosso tinha sido consumido pelas chamas devoradoras, a aflição chegava ao seu auge; só nos restava uma solução: Fátima schin mu, wei ngo den Kil! Nossa Senhora da Fátima, rogal por nós! Sim, Fátima — não era um nome desconhecido no nosso meio. Não foi pois para admirar que o Rev. Superior da Missão, P.ª Heriberto Winkler S. D. S. encomendasse a nossa tão preciosa Missão às piedosas orações de S. Ex.ª Rev.ª o sr. Bispo de Leiria e dos peregrinos da Fátima, assim como dos leitores do «Mensageiro da Fátima» dizendo: «Se a Rainha do Santíssimo Rosário fizer com que a ordem volte à nossa Missão, e que os Missionários possam continuar a trabalhar pela salvação das almas, deificarei uma igreja ou capela a Nossa Senhora da Fátima». (Veja Bole de Fátima n.º 10 de 10 de Outubro de 1933).



GRUTA DE NOSSA SENHORA DA FATIMA EM FOW-CHOW-NANTAI (China)

Não é este o único Santuário de Nossa Senhora da Fátima na China. Além da possessão portuguesa de Macau onde a devoção a Nossa Senhora da Fátima é muito viva, há outros em Kowloon-Tong, como relatou a Voz da Fátima. Em 1933 realizou-se nesta cidade uma procissão em que tomaram parte onze Bispos, dos quais nove chineses. A devoção da Rainha da Paz da Fátima está muito florescente na China tão provada pelos terrores do bolchevismo.

ro — num centro onde retinui várias obras de caridade da freguesia. A Sopa dos pobres, patronato, estão debaixo da protecção de Nossa Senhora da Fátima.

No Moxico Como aqui noticiámos os Revs. Padres beneditinos portugueses fundaram uma Missão no Moxico (Angola) que colocaram debaixo da protecção de Nossa Senhora da Fátima. Esses Revs. Padres antes de partir para a África a começaram os seus trabalhos e proteja as Missões! No Brasil Asilo de Nossa Senhora da Fátima Pelos cuidados de Mons. José Soares Machado está a construir-se uma casa de caridade na Cachoeira (E. de S. Paulo),

Graças de Nossa Senhora da Fátima

— D. Maria Adelaide S. Rocha — do Vale de Praseres, diz em carta de 12-5-1934, que sofreda há 4 anos de uma pleurisia. Que o médico chegara quasi a declarar que já não esperava salvá-la. Por fim, entregou o caso da sua cura a Nossa Senhora da Fátima, e tendo-a alcançado vem testemunhar o seu agradecimento à Mãe do Céu. — D. Maria da Trindade Silva — Moita do Ribatejo, alcançou de N.ª S.ª da Fátima a cura de um sofrimento que a martirizava havia cerca e 20 anos. Reconhecida, pede aqui seja manifestado o seu agradecimento por tão insigne favor. — D. Indica Mendes—Ranhá, Vermeil, estando há 4 meses cheia de dores e completamente imobilizada na sua cama, recorreu a N.ª S.ª da Fátima a quem pediu lhe alcançassem a graça de recuperar a possibilidade de andar que havia perdido e que tão grande falta lhe fazia. Tendo alcançado a cura, pede aqui seja publicado o seu reconhecimento a N.ª S.ª da Fátima. — D. Elvira da Conceição Andrade — Cacim, diz ter sofrido durante 3 anos de uma doença no fígado o que já era tida por incurável. Já sem esperanças na medicina da terra, recorreu a N.ª S.ª da Fátima a quem fez uma novena e a cujo Santuário foi em peregrinação. Tendo alcançado a cura, pede aqui seja publicado o seu reconhecimento a N.ª S.ª da Fátima. — D. Emilia da Trindade Bonifácio, — Maceira, recebeu e agradece a N.ª S.ª da Fátima diversas graças que lhe foram concedidas a si própria e a uma sua filha mediante a intervenção valiosa da mesma Misericórdiosa Senhora. — D. Mariana de Jesus Refrejo Guio, — Vila Nova da Barrota, agradece a N.ª S.ª da Fátima a cura de sua prima Mariana da Conceição Refrejo Guio, a quem os médicos haviam diagnosticado um cancro e prometendo publicar a graça na «Voz da Fátima» se não fosse cancro nem exigisse operação, o que N.ª S.ª se dignou conceder-lhe, por isso, vem hoje por esta forma pagar a sua promessa. Igualmente agradece a N.ª S.ª da Fátima a sua poderosa intervenção, valendo-lhe numa operação de apendicite a que teve de sujeitar-se, e da qual se encontra hoje completamente bem. — António Gaspar — Mourinhos da Cima — Vermeil, diz ter obtido a cessação de terríveis dores nervosas com o uso da água do Santuário da Fátima, e por este favor vem prestar publico agradecimento à Virgem Nossa Senhora.

Infecção Em carta de 2 de Julho de 1934, D. Maria Marques Bola, de Ibaado, diz o seguinte que pede seja publicado: «Minha filha Maria de Lourdes, de 13 anos, foi vítima dum infecção no polegar da mão direita, o que me trouxe dolorosos sobressaltos. O próprio médico, pareceu-me seriamente apressivo. Em determinado momento, o caso pareceu tão melindroso que o médico disse-me não saber o que iria seguir-se. Extraiu-lhe a falange que reconhece estar desligada dos tecidos já apodrecidos, mas deixou transparecer claramente o recio de que minha filha piorasse e de que houvesse necessidade de nova e mais radical intervenção cirúrgica. Calcule-se a minha angústia e aflição! Recorri então a Nossa Senhora da Fátima. Essa noite foi para mim de sofrimento e de lágrimas; porém, não desanimei, esperando sempre. Pedi, implori, manifestei a minha ansiedade a Nossa Senhora e prometi ir com minha filha ao seu bendito Santuário da Cova da Iria e fazer publico a graça da cura, se nos fosse concedida. Não é em vão que se recorre à poderosa protecção da Misericórdiosa Senhora! Na manhã seguinte, levei minha filha ao consultório. O médico ficou surpreendido porque todo o perigo havia desaparecido. Encheu-se-me a alma de alegria e agora aqui estou a cumprir parte da minha promessa inserindo este relatório na «Voz da Fátima». Ainda é mais irei ao Santuário Círculo a N.ª S.ª Senhora a minha gratidão e amor».

Graças Diversas

— D. Maria Adelaide da Fonseca — Porto, agradece a Nossa Senhora da Fátima duas graças particulares que do Céu recebeu por sua Maternal intervenção. — António Gaspar — Mourinhos da Cima — Vermeil, diz ter obtido a cessação de terríveis dores nervosas com o uso da água do Santuário da Fátima, e por este favor vem prestar publico agradecimento à Virgem Nossa Senhora.

Como surgiu a gruta em honra de Nossa Senhora da Fátima

Com fiel affecto o Rev. P.ª Luis Heitfeld S. D. S. e o venerando irmão Hermann José Krause S. D. S., ambos provados por uma longa doença, — fizeram gruta em honra de Nossa Senhora da Fátima. Era preciso levantar um Monumento da perene gratidão. Principiou-se na festa da Visitação de Nossa Senhora. Depois da Santa Missa com bênção do Santíssimo, fomos ao lugar escolhido situado debaixo duma grande árvore. O sr. P.ª Luis benzeu o lugar segundo o ritual romano e deu a primeira enxadada. Todos nós pedimos numa fervorosa oração o bom êxito. Precisávamos de pedra. Os cristãos chineses daqui, mostravam grande interesse em nos ajudar. As poucas pedras boas que tínhamos não davam para nada. Pouco depois a Companhia Nanteza de construcções de estradas deu-nos licença para irmos buscar gratuitamente lindas pedras de rocha enxadada. Era só preciso aparelhá-las e trazê-las. Os cristãos chineses de boa vontade, puzeram-se logo à nossa disposição. As 5 horas da madrugada já estavam com os seus 24 carros chineses, (lo-tschá), carregados de pedras, à porta do nosso jar-

dim. E lá voltaram duas vezes. Como recompensa apenas pediram que o «Schin» (padre) marcasse um dia, em que todos viessem ouvir uma Missa pelas suas intenções e lhes fosse benzer os seus barcos. E assim foi. O Rev. P.ª Luis e o irmão Hermann José fizeram os preparativos para a cerimónia da primeira pedra. Na festa da «Missão dos Apóstolos», 15 de Julho, depois dum curta oração o Rev. P.ª Luis explicou a significação deste acto, e benzeu a primeira pedra. Pedimos a protecção de Nossa Senhora e recomendamos-lhe todas as nossas intenções e todos os que nos são queridos. A bênção dos barcos e o oferecimento da Santa Missa foi no domingo, 21 de Julho. A tarde fez-se uma devoção para os nossos generosos cristãos, que na maior parte são pobres barqueiros. Vieram muitos e muito tempo ficaram a rezar. A tardinha os cristãos vieram buscar o sr. P.ª Luis e o irmão Hermann José, assim como o Nosso Mestre, e levaram-nos ao rio. O Céu azul escuro parecia formar abóbada sobre o largo e ruidoso rio. Grandes e pequenos barcos sem conta, costeavam a praia. Os barcos dos cristãos, dum cumprimento de uns doze metros cada um, estão atrelados a cinco e seis. Na primeira fila de barcos tinham levantado um altar, encimado por um grande baldaquim branco. A roda estavam pendurados lampiões de cores. Uma parte dos cristãos estava em volta do altar, outros rezavam dentro dos seus barcos. O Rev. P.ª Luis subiu conosco ao barco que devia levar-nos aos outros. Benzeu-se primeiro este e depois cada um dos das diversas fileiras. No interior dos barcos via-se um altarzinho com velas acesas. A oração fervorosa dos cristãos uniu-se às súplicas do sacerdote para pedir protecção em todos os perigos e socorro nas adversidades. Depois da bênção de cada fileira, estalaram os «phopans» (foguetes). Queríamos depois voltar para casa, mas os bons cristãos não deixaram. Foi preciso sentarmonos a uma mesa muito bem preparada com muitas coisas boas. No dia seguinte de madrugada vieram os cristãos assistir à Missa que lhes fora prometida. O Rev. P.ª Luis e o irmão Hermann José trabalhavam incessantemente para se acabar a gruta e mais depressa possível. Mas donde alcançar com urgência uma imagem de Nossa Senhora da Fátima? Da Alemanha ou dos Jesuítas de Zi-Ka-wai Shanghai? O Rev. P.ª Superior falou em Shanghai e deram-lhe a certeza de que a imagem viria no princípio de Outubro. O nosso vizinho, o Consul francês, que é um católico dedicado e que sempre mostrou muito interesse pela gruta, quis oferecer um altar de pedra. Na festa da Natividade de Nossa Senhora, um altar de pedra cinzelada, com estrado, veio ornar a gruta da Fátima. Na banqueta brilha em letras douradas a inscrição chinesa: Fátima schin mu, wei ngo den Kil! Sim, «Nossa Senhora, a Rainha do Rosário da Fátima seja para nós sempre uma boa Mãe».

A vinda da imagem

Com grande ansia esperávamos a imagem miraculosa. No Domingo do Sant.º Rosário, depois da devoção da tarde, veio a alegre noticia: A imagem chegou à alfândega de Fochow. Quando no dia seguinte, — era a festa do S.º Rosário, 7 de Outubro, — vimos a estátua na nossa casa diante de nós, foi um momento de jubilo. Não se pode descrever o íntimo gozo que sentiam os nossos corações. Entretanto os piedosos chineses tinham-se preparado espiritualmente para uma novena. Na festa Mater Salvatoris, 11 de Outubro, o Divino Salvador, II de Outubro — foi a inauguração. O Céu de encantadora claridade. Distinguiam-se no azul celeste as nuvemzinhas brancas como a neve — cores de Nossa Senhora! O sol suave de Outubro brilhava no firmamento. Os seus raios atravessam a densa copa das árvores e alumina a gruta adornada de flores e de luzes. Os cristãos vieram em multidão e esperavam alegres diante da gruta. O Superior da nossa Missão que viera de propósito benzer a estátua, celebrou a santa Missa no altar da gruta. Nunca o nosso convento viu um tão grande número de fiéis. Todos à porta procuravam exaltar a Mãe da Divina Graça. Os piedosos chineses rezam com fervor o Sant.º Rosário em honra de Nossa Senhora da Fátima para agradecer todo o amor e pedir nova protecção. Assim se fez uma festa linda como nunca poderíamos supor. No dia 13 de Outubro foi a primeira festa mensal. Era só uma experiência. A concorrência foi surpreendente. Rezamos juntos diante da gruta a nossa oração favorita, o santo Rosário. Consecramos-nos de novo a Nossa Senhora e recomendamos-lhe todas as nossas intenções. A bênção do Sant.º Rosário foi a conclusão de toda a festa. Está levantado o modesto monumento de amor e gratidão! Se Deus quiser, para o ano que vem construir-se-á no território da nossa Missão a Capela ou Igreja prometida em honra de Nossa Senhora da Fátima. A Mãe da Divina graça trouxe-nos a paz desejada há tanto tempo. Ela saberá também assegurar-lá no futuro, pois Maria Sant.ª estabeleceu aqui o tronco da sua misericórdia que todos os dias está rodeado de fervorosos devotos.

CRUZADOS da Fátima

O que estamos fazendo...

Conta-se que um dia um Bispo foi ver as obras, que há pouco tempo haviam começado, para a fundação duma grande Catedral.

Entrou no largo recinto já vedado por uma paliçada, e viu os operários todos a trabalhar. Andavam a fazer os alicerces profundos, que ainda não chegavam à flor da terra; mas debaixo duns alpendres improvisados já havia canteiros a desbastar os primeiros blocos de pedra e carpinteiros às voltas com a madeira.

O Bispo andou vendo os trabalhos e falou com alguns dos operários.

De um lado andavam ainda os cabouqueiros, cavando o espaço para um laço dos alicerces. O Bispo cumprimentou-os e perguntou:

— Então, trabalha-se, não é verdade? Isto aqui, que estão fazendo, o que é?

— Estamos cavando estes metros de terra, mas não sabemos para que é.

Foi depois ao alpendre onde trabalhavam os canteiros, cumprimentou-os e perguntou a um deles:

— Então o que é que está fazendo?

— Estou a desbastar esta pedra para um muro.

Mais adiante perguntou a outro o que estava fazendo, e o operário respondeu-lhe:

— Estou alisando esta pedra, para a humbreira duma porta.

Mais adiante, outro operário interrogado, respondeu-lhe:

— Estou alisando esta pedra para o peitoril duma janela.

Mais além estavam os carpinteiros. O Bispo aproximou-se e perguntou a um o que estava fazendo.

E o carpinteiro respondeu-lhe:

— Estou a preparar estas táboas para um andaime.

— Já o Bispo a retirar-se, muito satisfeito por ver todos a trabalhar, e passou perto de outros que estavam trabalhando no meio do recinto. A pergunta responderam:

— Estamos com cal e areia a fazer argamassa para os muros.

Nisto viu um rapazinho, que vinha para junto deles com um pequeno cântaro de água à cabeça. Parecia ser o mais pequeno de todos os operários.

O Bispo fez-lhe uma festa na cara e perguntou-lhe sorrindo de bondade, a ver o que ele respondia:

— E tu, pequeno, que andas tu a fazer, tão pequenino?

— Eu?! — respondeu o rapazito como admirado da pergunta. — Eu?! Eu ando a fazer uma catedral!

O Bispo ficou uns momentos silencioso, pensativo, e depois voltou-se para as pessoas que o acompanhavam e disse:

— Este rapazinho foi quem me deu a resposta mais eloquente! Dos outros, cada um não viu senão a pequena parcela de trabalho fornecido para a grande obra que se vai construir. Uns, só vêem a terra que estão cavando nos caboucos; outros, só vêem as pedras, que estão desbastando para um muro, para uma humbreira de porta, para um peitoril de janela; outros ainda, só vêem as táboas que estão pregando para andaimes; outros, finalmente, só vêem a argamassa que está a fazer para unir as pedras. Mas este rapazinho, tão pequenino ainda, com a sua fantasia viva, foi já mais além; não se limita a ver o resultado do seu trabalho imediato! Ele vê o conjunto da obra em que está trabalhando, sentiu-se já solidário com todos os operários que já trabalham e com os que ainda hão-de vir a trabalhar nela, e viu-a já completa, e sentiu-se colaborador dela já acabada, a funcionar com o seu fim bem determinado. Ele não se contentou com responder que está carregando uns cântaros de água para um monte de cal e areia! Disse que está fazendo uma catedral, e quem sabe? viu-a já pronta, grandiosa, bela, repleta de fiéis, perfumada de incenso, com o altar de Deus estrelado de luzes, com a voz majestosa do órgão rolando pelas arcarias e abobadas, misturada aos cânticos dos sacerdotes e fiéis! Este sim, que é um espírito

que vê claramente, na humildade do seu pequeno trabalho particular, a grandeza e a nobreza do trabalho comum!

E tão satisfeito ficou, que tomou o pequeno sob a sua protecção e todas as semanas o mandou ir ao seu paço, onde recebia da bolsa do Prelado um suplemento ao seu pequeno salário de ajudante de pedreiro.

Devem pensar neste caso todos os *Cruzados de Fátima*! Quando dão a sua cota para a trezena de que fazem parte, interroguem a sua consciência e deixem-na responder com a visão larga do rapazito do cântaro de água... que não vale mais que essa pequenina cota!

— O que estamos fazendo? Estamos fazendo um Portugal mais feliz!

E com efeito, não estamos apenas dando uns misereros centavos por mês! Estamos colaborando com todos os que já hoje, na Acção Católica, com os meios que são necessários, e para os quais contribuímos, estão trabalhando com a palavra, com a pena, com as viagens, com o estudo, com as organizações que começam e vão progredindo, e que dentro de alguns anos — oh! uma catedral não se faz num dia, num mês, num ano! — dentro de alguns anos, farão sentir nesta nossa pátria estremecida os benéficos efeitos do seu regresso a Deus, do seu regresso a uma vida cristã mais profunda, para tornar a ser grande como foi quando os seus fiéis não eram só cristãos de nome, como hoje infelizmente tantos são.

O trabalhador da Acção Católica, o *Cruzado de Fátima* — o mais pequenino de todos, que carrega o cântaro de água da sua pequenina cota mensal, que só vê esse trabalho, que se não sente colaborador do conjunto, da grande obra de todos, não trabalha como Deus quer, não dá a Deus a satisfação que levou aquele Bispo a tomar o rapazito sob a sua protecção e a dar-lhe, já, um suplemento de remuneração — uns tantos por conta dos cem por um, que Ele promete ao que lhe dá!

Chefes de trezena

Não deixeis de receber em cada mês a cota dos Cruzados das vossas trezenas!

Juntar cotas é tornar mais custoso o pagamento. Alguns fugirão para não voltar mais.

Sede também muito cuidadosos na entrega do jornal, a tempo e horas — e no envio das importâncias recebidas todos os quatro meses.

O futuro da Acção Católica depende muitíssimo de vós. Se desanimásseis, grandes obras cairiam por terra.

E não julgeis que já fizestes bastante! Para fazer respeitar os direitos de Deus, para livrar Portugal dos males temíveis, que nos cercam e ameaçam, tudo é pouco!

É preciso fazer crescer o número de trezenas — e sem demora!

O ideal seria que cada Cruzado arranjasse mais doze e passasse a Chefe duma nova trezena!

A propósito das eleições espanholas

Contra o que se esperava, as esquerdas espanholas ganharam as eleições. Facto grave, muito grave mesmo e que se passa aqui ao lado de Portugal, na casa do vizinho.

Ainda ninguém pôde esquecer os horrores que se praticaram em Casas Viejas.

E todos se lembram, ainda melhor, das barbaridades, que os pretos talvez não cometessem, e que ensangrentaram o norte da Espanha em Outubro de 1934: igrejas e escolas incendiadas, edifícios destruídos, crianças torturadas, padres enterrados vivos, raparigas violentadas; numa palavra, montes de ruínas e de cadáveres — sangue e lama!

Pois são os aliados dessas feras humanas que deshonram o século XX, que acabam de conseguir o melhor resultado nas eleições espanholas!

Facto grave, sinal perigoso — repetimos!

A justiça manda confessar que muitas das reclamações das chamadas Esquerdas são justas. Pois não estão os Papas a clamar, há tanto tempo, contra a «miséria imerecida» em que vive grande parte da classe operária? E é dizerem que é preciso que as riquezas se repartam em justa proporção pelas mãos dos ricos e com suficiente largueza pelos pobres?

Sua Santidade Pio XI não declarou solenemente, na sua genial encíclica *Quadragesimo Anno* que salário justo é o que permite ao trabalhador sustentar a sua família e ainda anealhar um modesto *pé-de-meia*, que lhe valha quando vier a doença ou faltar o trabalho — ou à família, quando o chefe faltar?

As causas destes males que nos séculos passados se não conheciam, são... vários M.M., máquinas, dispõem muitos braços; mulheres, que nas fábricas, escritórios etc. tiram o lugar a muitos homens, chefes de família; e, principalmente, o materialismo da época, ou seja a falta de Religião. Sem Religião os homens tornam-se feras: os pobres e os ricos fazem-se egoístas, só pensam em enriquecer para gozar porque — como dizem os materialistas — «esta vida são dois dias» e sem a gente morrendo, acaba-se tudo.

Por outro lado, os operários sem Religião não têm consciência, trabalham pouco e mal, são irresponsáveis e fazem que muitas pessoas que podiam com o seu dinheiro desenvolver a indústria ou o comércio, e assim dar-lhe a muitos lares, antes queiram meter-se em casa, e-lhes mais agradável viver com menos rendimento do que aturar empregados malcriados.

Esta falta de Crenças, este desconhecimento do Catecismo é, por sua vez, devida em grande parte à acção de outro M — a *maçonaria*; proibiu-se o ensino da Doutrina nas escolas, fez-se (e faz-se) toda a guerra aos padres, aos seminários, aos seminaristas, aos frades e às freiras; espalharam-se pelo romance, pela má imprensa (outro M), pelo teatro e pelo cinematógrafo as piores immoralidades, que são ainda a melhor ferramenta para arrancar a Fé das almas, etc., etc.

Mas devemos reconhecer, com lealdade, que do nosso lado também há culpas, e grandes.

Nem todos os patrões que

são católicos (ou dizem que o são?)... pensam como aquele industrial francês, Leão Harmel. Dizia esse grande católico que dirigia tantas fábricas: — «O meu maior cuidado é o bem moral e material dos meus trabalhadores». E Féron-Vrau, outro grande patrão católico, costumava dizer: «Cuidado! Os operários serão como forem os seus patrões. Farão o que lhes virem fazer a eles!»

Muitas pessoas — e em especial muitas senhoras — que podiam e deviam ajudar os seus párocos na catequese, não estão para magadas e deixam-se estar regaladamente em casa emquanto as crianças vão crescendo sem que ninguém lhes ensine que há Deus e que a Sua justiça é terrível, que roubar, matar e fazer poucas vergonhas são pecados que metem a alma no Inferno — e para sempre! E o povo vai-se esquecendo — os que alguma vez o souberam — de que todos somos irmãos, pois todos somos filhos do mesmo Pai do Céu que é Deus, do mesmo Pai da terra que é Adão, que todos fomos resgatados pelo sangue do Filho de Deus feito Homem, e que todos — grandes ou pequenos — temos direito a comungar Cristo e a um lugar no Céu, tanto melhor quanto maiores forem as nossas virtudes. A porta do Céu, ninguém nos perguntará se fomos doutores, fidalgos ou ricos mas apenas se fomos cumpridores das Leis de Deus e da Sua Igreja.

Pouco depois da revolução espanhola, das Astúrias, falámos com um Bispo espanhol, que nos disse: — «A revolução deu-se na região da Espanha que é considerada mais católica, e isto é possível transformá-la, como se viu, num *paradiso inferno* — foi porque os católicos não souberam ser católicos, e os ricos não souberam ser ricos!»

EM DEFESA DE UM PATRIOTA

No *Diário de Notícias* do dia 31 de Janeiro, o sr. Rocha Martins occupase de o Cardinal-Réi D. Henrique, comemorando o seu falecimento adepois de ter feito muito mal e sido pátrio.

E acrescenta a poesia «populares»:

Viva el-rei D. Henrique
No inferno muitos anos
Foi um pátrio, em testamento
Portugal aos castelhanos.

Esta quadra tem todo o aspecto de ter sido torçada nos nossos dias por algum professor diplomado pela Associação do Registo Civil, para os compêndios de instrução primária, onde já a temos, em tempos.

O sr. Rocha Martins deu a sua nota um carácter parcial que a verdade histórica não permite.

Com efeito, o sr. dr. Queiroz Velloso, professor da Faculdade de Letras de Lisboa e depois ao abrigo de todas as suspensas, não denunciou na Academia das Ciências, na Universidade de Coimbra e no seu livro «O Cardinal-Réi» a sua opinião sobre o Cardinal-Réi. Foi um pátrio.

Depois de várias investigações, pôde concluir que o Cardinal-Réi não merecia a honra de *maior escrivão de tração* com que o marcaram diversos historiadores.

Em todo o seu curto reinado, a ideia fixa do D. Henrique foi sempre a independência de Portugal.

Bem sabemos que, como também confessou o sr. dr. Queiroz Velloso, as histórias da *Portugal* está em grande parte por fazer.

Todos os conhecimentos, são muitos os erros: Gomes Freixo de Andrade foi um pátrio; D. João III era um espírito acanhado; D. João V foi um monarca sem valor; o Marquês de Pombal foi um grande e desinteressado homem de estado; D. Maria I foi má governante; as Ordens Religiosas foram nocivas ao país; os Jesuítas são os culpados da nossa decadência literária, etc., etc.

E o mais triste é que vários dessas caricaturas ainda andam nos manuais escolares de disciplina e cividade.

Mas... os especialistas têm maior responsabilidade.

E, francamente, num artigo de *Foram* premiados nas últimas semanas mais os postais com os números: 3214 — 1797 — 5628 — 3384 — 8044 — 8697 e 5101 ou com número imeditamente inferior ou superior a qualquer destes. Quem tiver algum deve mandá-lo em carta registrada a *Editorial Luz*, R. de S. Julião, 14, Lisboa, para receber o prémio certo e se habilitar ao prémio possível, que pode ser de milhares de escudos.

Estes postais de propaganda estão sempre a vender: cada postal custa só 50 centavos e vale por um ano.

São os expeditos de 6 para cima, a cobrança para qualquer ponto do país, ou mandando a quantia, para receber quantos quiser, com um prospecto explicativo editado em *Luz*, Rua de S. Julião, 14, Lisboa.

POSTAIS COM PRÉMIO

FORAM premiados nas últimas semanas mais os postais com os números: 3214 — 1797 — 5628 — 3384 — 8044 — 8697 e 5101 ou com número imeditamente inferior ou superior a qualquer destes. Quem tiver algum deve mandá-lo em carta registrada a *Editorial Luz*, R. de S. Julião, 14, Lisboa, para receber o prémio certo e se habilitar ao prémio possível, que pode ser de milhares de escudos.

Estes postais de propaganda estão sempre a vender: cada postal custa só 50 centavos e vale por um ano.

São os expeditos de 6 para cima, a cobrança para qualquer ponto do país, ou mandando a quantia, para receber quantos quiser, com um prospecto explicativo editado em *Luz*, Rua de S. Julião, 14, Lisboa.

A «Voz da Fátima» é a publicação de maior tiragem de Portugal e aquela em que os anúncios são mais valiosos.

A vitória depende principalmente do valor dos chefes. E mais temível um exercito de carneiros comandados por um leão do que um exercito de leões comandados por um carneiro.

Pelágio

O Arado

Órgão mensal da J. A. C.

O protector celestial dos camponeses

A 12 de Março de 1622 na presença de trinta e dois Cardeais, 31 patriarcas, arcebispos, bispos, milhares de sacerdotes e de uma inumerável multidão de fiéis, numa solenidade empolgante, o Sumo Pontífice Gregório XV, inscreveu no aureo livro dos santos o nome de Isidro, juntamente com Inácio de Loyola, o egregio fundador da Companhia de Jesus, Filipe Nery, o grande Patriarca dos Oratorianos, Francisco Xavier, o excelso missionário do Oriente e Teresa de Ávila, a mística e sublime doutora do Carmelo.

Que glorioso acompanhamento! Parece que a Divina Providência uniu o que havia de mais sábio, santo e grande, para se juntar ao nome de Isidro! Mas quem era este santo assim tão glorificado pela Igreja e por Deus?

Era um pobre campones, um humilde trabalhador que ao serviço duma casa agrícola de Madrid, ao mesmo tempo que amanhava a terra, cultivava na sua alma, todas as virtudes do Cristianismo.

O Senhor concedeu-lhe o dom dos milagres mais admiráveis e após a sua morte, o seu corpo ficou incorrupto, estando ainda inteiro no altar-mór da Sé Catedral de Madrid, numa urna de prata que pesa 95 quilos. Junto destes sagrados despojos se ajoelharam durante sete séculos os Reis, Bispos e as gerações espanholas.

Os sábios e pregadores dominicanos escreveram na sua revista «O Rosário», a respeito deste illustre Bem-aventurado: «Santo Isidro nasceu pobre, filho de camponeses. Pobre viveu amanhando as terras dos outros para sustentar o seu modesto lar. Casou com uma lavadeira pobre também e santa como ele; e pobres e santos viveram os dois em paz na sua

pobreza. Pôde Santo Isidro gozar da paz e ser feliz na sua humilde condição, sob a carga diária de pesados trabalhos, porque procurou sempre cumprir bem o seu dever, soube renunciar até aos legítimos prazeres, foi devoto de Nossa Senhora e confiou plenamente em Deus.

Grande exemplo o seu para os que vivem no mundo!

Falam alguns na idade de ouro, invenção da fábula e desejariam que ela fosse realidade de contemporânea.

Pode sê-lo. Com efeito está na nossa mão transformar em idade de ouro a época em que vivemos. Para isso basta que cada qual cumpra o seu dever: dever de católico, empenhado em servir a Deus e dilatar o seu Reino; dever de pai de família, zeloso em manter acesa no lar a chama da caridade e conduzir para o Céu através dos perigos da terra, as almas que lhe foram confiadas; dever do inferior que tem obrigação de obedecer aos seus legítimos superiores; deveres, enfim, dos diferentes estados. Cumprisse cada um os seus deveres para com Deus, para com o próximo e para consigo mesmo; procurasse cada qual primeiro o Reino de Deus, que o mais lhe seria dado por acréscimo e o mundo viveria em paz. Seria a idade de ouro.

Para que reine essa paz nos campos, para que neles se trabalhe com alegria, para que as populações rurais conheçam a idade de ouro e a gozem com segurança, nada mais é preciso do que imitarmos os camponês o exemplo de Santo Isidro.

Despertemos na gente do campo esse desejo de imitação, lendo-lhes ou dando-lhes para que a leiam, a vida do grande Santo Lavrador».

José Maria Teles Barboza

Todos por cada um e Cada um por todos

Redacção: Campo dos Mártires da Pátria, 43 - LISBOA - N.

Como se organiza a J. A. C.

III

Nos números anteriores, vimos que para organizar a J. A. C. é preciso, primeiramente, convencermos-nos da necessidade de a organizar; depois, comunicarmos esta convicção a dois, três ou mais rapazes activos e inteligentes, embora não formados ainda.

Porque dizemos dois, três ou mais rapazes? Porque seria um erro meter toda a gente numa organização que começa.

O grande método da Acção Católica consiste na conquista do indivíduo a indivíduo, isto é, na conquista pessoal, um a um. Este método é o novo método que, afinal, é tão antigo como a própria Igreja. Foi assim que se espalhou no mundo o Catolicismo. Conversões em massa não se realizam e a pregação feita para todos, a pouco a pouco. Cada qual tem a sua vida própria, com dificuldades próprias, com necessidades especiais.

As necessidades das almas não são iguais e aquilo que a uma pode fazer muito bem, para outras pode constituir meio de perdição ou, pelo menos, ser inútil.

Por isso se devem escolher poucos, muito poucos mesmo, para se fundar a J. A. C. Estes poucos serão depois formados pessoalmente em círculos de estudo, também chamados — e com mais fidelidade e proveito — reuniões de militantes. E ali, no novo círculo, que se formarão integralmente na acção inteligente e consciente do apostolado, os novos conquistadores da massa, os novos auxiliares da Hierarchy.

Poderíamos descrever como funcionam estes círculos de estudo e como devem ser feitos para produzirem bons resultados. Mas, tendo a Junta Central publicado um folheto em que o assunto é tratado completa-

ACÇÃO CATÓLICA

tamente, remetemos para ele aqueles dos nossos leitores que desejem saber o que são, como se organizam e dão os Círculos de Estudo.

A brochura custa apenas 1\$50 e será remetida à cobrança a quem a pedir para a Junta Central (Campo dos Mártires da Pátria, 43 - Lisboa). Não vale a pena, por isso, estar-nos a perder tempo repetindo mal aqui, o que lá tão bem foi estudado e exposto.

Em todo o caso tratemos ainda de alguns pontos essenciais nos Círculos de Estudo, nos artigos que sobre o assunto iremos escrevendo.

AO PRINCIPIAR

Folguei de alegria e contentamento ao deparar-me diante dos olhos do novo órgão jacista, o «Arado», a quem de todo o coração devemos acalantar e proteger, pois é o órgão oficial da nossa organização.

Pequeno ao princípio, ele irá crescendo, à imitação de Jesus, em idade e sabedoria, com a graça e ajuda de Deus.

De nos, certos amigos, depende em grande parte a sua prosperidade. Chamados a colaborar com os dirigentes desta santa milícia, nós, que certos jovens, a quem Deus confiou certos talentos, temos o indelével dever de não faltar à chamada, tanto mais que nos prometram podar os nossos arizinhos como se faz à videira.

Não será excelente estimularmos o nosso espírito às obras de Deus em proveito do bem social? E, queridos rapazes, o que vamos fazer. Se todos aqueles, que confessando-se católicos, cooperarem de alma e coração com a boa imprensa, não se daria o triste espectáculo que vimos presenciando. Os jornais ímpios ou indiferentes são os que mais leitores têm. Quem são esses leitores, pergunto? Triste é dizer-lo. Esses leitores são exactamente aqueles que em qualquer discussão nos dizem que são tanto ou mais católicos do que nós.

São jovens na flor da vida, que, quando o seu espírito devia subir até Deus, buscando alento nos saltares princípios que formam o carácter do homem moral, para depois na família exercerem o grande e grave papel de educadores, se entregam a leituras farrasosas e corruptoras, subversivas e pornográficas ou escandalosas. São chefes de família, pais degenerados que a custa do seu dinheiro infiltram na sua casa, e por suas próprias mãos, o vírus venenoso que há-de perverter mais tarde ou mais cedo a vida, os costumes e a alma de seus filhos.

Ao pensarmos no relato de tantas cenas imorais que certa imprensa mercenária diariamente faz publicar e que os educadores e pais de família avidamente leem e expõem as suas filhas e filhos sem o menor respeito pela sua moralidade, esquecendo o seu dever de educadores, o nos-

Conselhos aos organizadores

A J. A. C. não se organiza por si. Não cai do céu os trambulhões, como a chuva que tem alagado neste inverno rigorosíssimo os nossos campos e lançado tanta gente na miséria. Não!

A J. A. C. há-de organizar-se, mas à custa de muito sacrificio, de muito trabalho e de muito tempo perdido.

Mas para que o trabalho e o sacrificio sejam mais proveitosos e o tempo empregado na organização seja o menos perdido possível, daremos alguns conselhos aos organizadores.

1.º Conselho: A J. A. C. é para os rapazes dos campos, para os camponeses. Deve organizar-se, portanto, só com estes.

2.º Conselho: Para a direcção escolher-se os *são camponeses*. Não se diga que não são capazes, que não têm qualidades, etc. Não têm? Oh! se têm!

Talvez haja quem queira que eles não os tenham. Mas isso é diminuir os dons de Deus, é, por assim dizer, lutar contra a vontade de Deus que a todos deu inteligência e que quer que todos a desenvolvam plenamente! Quantos e quantos grandes homens, no Sacerdócio e nas profissões liberais, não saíram da gente rude do campo?

Não os há formados? Formem-se! Eles saberão dar conta do recado mil vezes melhor que seja quem for de meioses diferentes do emprego agrícola. Só eles sabem falar aquela linguagem que vai directa ao coração dos seus camponeses. Só eles! Só eles saberão conquistá-lo realmente!

3.º Conselho: Não os reatamos para lhes dizer coisas vagas, coisas no ar! Tudo isso é muito lindo, mas nada disso presta para nada. Os rapazes precisam que lhes falem uma linguagem clara e adaptada à sua condição. Se lhes falamos de milho, de trigo, de gado ou de vinho, prestam logo mil atenções ao que lhes dizemos. Pois falamos-lhes de tudo isso, e a propósito de tudo isso, demos a formação.

Há mais de cinquenta anos que andamos a pregar-lhes que é preciso amar a Deus e ao próximo, que é preciso ser casto, etc.

No final destes 50 anos reconhecemos todos que pouco resultado obtivemos. A gente dos campos tem piorado moralmente. Mudemos, portanto, de métodos.

Sejamos mais realistas. Observemos as realidades da vida dos campos. Vamos ao seu encontro. Ensinemos-lhe a maneira de ser cristão e de viver a vida cristã nos campos.

Nunca partamos de teorias, nem de abstrações, mas de realidades, das realidades da vida de todos os dias. Estas ouvem-nas eles e compreendem-nas.

Indicações úteis

Agricultura — Começam os gados a alimentar-se a verde; termina a poda nas vinhas; acabam as gradagens e o emprego de estrumes e adubos nos campos; nos pomares faz-se a enxertia às árvores de fruto e limpam-se as cascas; abrem-se as entradas das colmeias e vislham-se os cortijos, e nas hortas estendam-se os espargais e continua a plantação do cebolo. Se meiam-se abóboras, melancias, melões, cenouras, rabanetes, tomates, cardo, aipo, estragão, couves, saladas, etc.

Jardinagem — Devem plantar-se os arbustos que se dão mal com o frio tais como murta, alecrim, jasmim, etc.; transplantam-se violetas, margaridas, primaveras e as plantas de raiz fibrosa; semeiam-se cravos, golubos, coreopsis, agucenas, esporaes, ervilhas de cheiro, dormideiras, papoulas, boas-noites, perpétuas, amores perfetos, mangericos, piumas e mangrona.

As inclemências do tempo

Os trabalhadores do campo são, sem dúvida, a classe a quem o tempo é mais desfavorável.

Depois de um verão em que mouream de sol a sol, nestes dias que parecem intermináveis, e em que o sol, com o seu calor abrasador, próprio da estação, parece querer queimar-lhes a pele, os nossos camponeses, entram na estação do inverno em que passam dias e dias sem terem onde trabalhar, devido às chuvas constantes, ou à humidade dos terrenos que estão incapazes de receberem a enchada.

Quantas lágrimas, nesta estação, são choradas por mães que, em volta do seu regaço, veem juntos seus filhos ainda teninhos a pedirem pão, e onde o dinheiro, que é moeda real para o camponês, nessa semana ainda não entrou!

São vós, trabalhadores das terras ressequidas do estio e moedas do inverno chuvoso, que mais padecéis entre todas as classes!...

E apesar de tudo isto, quantos há que, a pesar-de não poderem ganhar o pão de cada dia, ainda vão para a taberna gastar aquilo que não ganharam, enquanto as mães velhinhas, ou as esposas e filhos choram amargamente a falta de sustento de que são vítimas. É preciso por um aique a estas coisas.

Conheceis a Jac? Certamente que aqui nas colunas deste mesmo pequenino jornal, já tendes visto este nome.

Pois bem. A J. A. C. que não só em Portugal, mas no mundo